

# O coração de Ronaldo

É claro que o tempo, agora, é de frustração. E a frustração leva a toda a sorte de comentários, por princípio infelizes, desinformados, sem nexos. Mas que fica um amargo de boca, fica. Esta seleção em particular tinha condições que, talvez, nenhuma outra terá tido em termos de qualidade e profundidade de plantel. Bom, assumo que também eu sei usar os chavões do treinador de bancada em que, cá me parece, o português médio tem nisto certificação avançada. Talvez um novo nicho de mercado em que deve pensar a UEFA, este da certificação de treinadores de bancada? Haveria candidatos, com certeza e por mim, não me escondo.

Em todo o caso, os pequenos detalhes do jogo são aqueles que mais me fascinam, divertem ou me deixam estarecido. E não me refiro tanto à bola ou ao passe que não entram por milímetros, os apoios mal colocados na altura errada ou aquela distração que deixa o avançado adversário na cara do nosso Diogo Costa. Refiro-me aos vários subtextos do jogo, durante a partida, nas pequenas decisões ou reações que refletem uma atitude perante a pressão, a adversidade ou até mesmo o conforto da vantagem.

Não obstante, não vale tudo para le-

var o jogo para outros patamares de análise, sobretudo no chamado pós-match – é assim que agora se diz para que fiquem Vossas Excelências instruídas. Diria que brincar com o coração é um dos interditos. Quer dizer, não se trata tanto de não podermos brincar com ele, com as emoções que o jogo incute.

Mas expô-lo e fazer dele peça de argumentação para justificar algo, enfim, já estamos para lá do aceitável.

Ronaldo chorou contra a Eslovénia e se o vulcão de Santa Bárbara não estremeceu e o mundo em geral não acabou, as redes sociais essas devem ter entupido. Em mais uma novela ronaldiana, logo se procuraram todos os ângulos da tristeza do astro, quem o consolou ou não, se o choro se justificaria, com inquirições noite fora sobre o motivo para ter desmoronado daquela maneira. Que o homem chore e sucumba à pressão uma vez na vida, enfim, caramba é mais do que normal. Mas como deve prevalecer a ideia de que ele é, sobretudo, uma máquina, logo quem o agência, a federação ou algum curioso terá de forma “inofensiva” feito partilhar nessas redes sociais que quase iam abaixo o ritmo cardíaco



SOCIEDADE  
FRANCISCO  
SIMÕES  
INVESTIGADOR  
AUXILIAR ISCTE

do capitão quando bateu a segunda grande penalidade.

É bem sabido que a ciência dos dados, tal como os fundos árabes e as ideias de Guardiola de controlo total tomaram conta do futebol. Tudo o que não se conforme a estes cânones atuais é tonto, ingénuo ou não dá retorno financeiro. Se

preciso for, para repor a ordem, nem o órgão mais privado, aquele que associamos aos sentimentos, resiste a este *voyeurismo* calculista de tudo querermos saber e dissecar. Pior é que esse estratégia ajuda a esbater ainda mais um bocadinho a privacidade contemporânea, agora rumo às entranhas de cada um. Suponhamos que aceitamos este episódio com bonomia e espírito de solidariedade para com o choro do capitão da seleção e assim se normaliza mais um bocadinho que o nosso corpo e os dados que produz, seja para efeitos biométricos ou de monitorização da nossa saúde, possam sem problema passar para a esfera pública.

Não, o coração não vale, Ronaldo. Guarda-o para ti. E sobre como o nosso reage quando, agora (não) pegas na bola, não falemos para já. Esperemos por 2026. \*